

## A DEFESA DO PENSAR ESPECULATIVO EM HEGEL

Fernando Monteiro dos Santos\*

**Resumo:** Este presente trabalho busca expor, com base na *Ciência da Lógica* (1812) e na *Enciclopédia das ciências filosóficas* (1830) o que Hegel compreende por *pensar especulativo*, e como se apresenta tal pensar na medida em que se opõe às filosofias do entendimento, a saber, a de Kant e de Fichte, prevalentes ainda naquela época. Para Hegel, o empreendimento kantiano não possibilitou nenhum avanço no que concerne à Lógica, visto que esta última permaneceu tal qual se encontrava na tradição filosófica, ao mesmo tempo em que a metafísica terminou destituída de seu estatuto de ciência. Isso porque Kant sustentava a impossibilidade de conhecimento dos objetos tradicionais da metafísica, pois todo conhecimento teria como pressuposto a relação entre experiência sensível e entendimento. Portanto, Hegel pensa uma nova lógica, não nos moldes da tradição filosófica das escolas, mas que se apresenta, igualmente, como ontologia e, portanto, que busca compreender a realidade na sua totalidade, seja na expressão da natureza seja do espírito. Nesse sentido a sua proposta ultrapassa, quer a metafísica dogmática, quer a lógica das escolas.

**Palavras-chave:** Lógica. Metafísica. Especulação.

## THE DEFENSE OF SPECULATIVE THINKING IN HEGEL

**Abstract:** This work seeks to expose, on the basis of the *Science of Logic* (1812) and the *Encyclopaedia of the Philosophical Sciences* (1830), what Hegel understands by *speculative thinking*, and how such thinking presents itself insofar as it opposes the philosophies of understanding, Kant and Fichte, still prevalent at that time. For Hegel, the Kantian enterprise did not allow any advance in logic, since the latter remained as it was in the philosophical tradition, at the same time that metaphysics ended up devoid of its status as a science. This is because Kant maintained the impossibility of knowing the traditional objects of metaphysics, since all knowledge would presuppose the relation between sensible experience and understanding. Therefore, Hegel thinks of a new logic, not in the mold of the philosophical tradition of the schools, but which also presents itself as an ontology and therefore seeks to understand reality in its totality, whether in the expression of nature or of the spirit. In this sense, his proposal goes beyond both dogmatic metaphysics and the logic of schools.

---

\*Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. E-mail: fernando.monteiro47@gmail.com.

**Keywords:** Logic. Metaphysics. Speculation.

## 1. Introdução

Ao expor sua concepção do que seja o pensamento especulativo, tanto na *Ciência da Lógica* (1812), como na sua *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (1830), Hegel (1770-1830) busca tanto a justificação da filosofia enquanto ciência como também ultrapassar o empreendimento filosófico anterior, especificamente aquele realizado por Kant nas obras *Crítica da Razão Pura* (1781) e *Prolegômenos a Qualquer Metafísica Futura* (1783). A filosofia anterior teve como tarefa destituir o pensamento especulativo, tendo em vista que, na sua concepção os objetos com os quais a especulação tinha como pretensão apreender estariam fora do âmbito cognoscível, por não ser possível obter seu conhecimento através da experiência sensível e a sua relação com o entendimento, mas somente deduzida da pura razão.

Uma questão ainda se mantinha em aberto no entender de Hegel, este problema consistiria na lógica, no sentido de que a crítica da filosofia kantiana acabou por invalidar a metafísica enquanto ciência, mas a lógica não sofreu qualquer alteração e permanecia ainda a mesma que podia ser encontrada em determinada tradição.

Neste sentido, Hegel busca construir uma lógica distinta daquela constituída pelas escolas, uma lógica que também seja uma ontologia que possa pensar a realidade que é compreendida como totalidade que se encontra em desenvolvimento, sendo essa lógica uma superação daqueles limites presentes no procedimento filosófico anterior, porém sem cair em uma espécie de retorno aquela metafísica, chamada de dogmática. A nossa exposição tem como objetivo: explicitar a crítica kantiana ao pensamento especulativo, argumentar sobre de que maneira Hegel procura se contrapor a essa crítica. Objetivos específicos: explicitar a concepção de lógica construída por Hegel onde se mostra o retorno ao pensar especulativo como uma exigência fundamental para a filosofia.

## 2. Kant e a crítica ao pensar especulativo

O empreendimento que Immanuel Kant (1724-1804) realizou na filosofia moderna modificou profundamente a forma de se fazer filosofia, pois Kant, ao mesmo tempo em que rompe certa tradição metafísica, estabelece também as bases na qual a filosofia deveria se assentar para a construção de um saber coerente<sup>174</sup>. Kant se confronta com o pensar especulativo, característico da metafísica, que tem como objetivo o conhecimento de determinados objetos que não seria possível seu conhecimento por meio da experiência sensível, (no entender de Kant todo conhecimento começa na experiência sensível, porém ela não basta em si mesma) mas somente no âmbito da pura razão.

Esses inevitáveis temas da razão pura são: Deus, Liberdade e imortalidade. A ciência cujo fim e processo tendem à resolução dessas questões denomina-se metafísica. Sua marcha, é, no princípio, dogmática; quer dizer, ela enceta confiadamente o seu trabalho sem ter provas na potência ou impotência de nossa razão para tão grande empresa.<sup>175</sup>

Mesmo assim, atrevo-me a predizer que o leitor destes Prolegômenos, se for capaz de pensar por si próprio, não apenas porá em dúvida sua ciência anterior como ficará, em seguida plenamente convencido de que uma ciência como essa não pode existir se não forem atendidas as exigências aqui expressas, que são a base de sua possibilidade, e, dado que isso nunca aconteceu, também se convencerá de que ainda não existe nenhuma metafísica.<sup>176</sup>

Para Kant, não é possível um saber coerente ser fundamentado simplesmente pela razão, visto que é da natureza da razão criar quimeras. Daí, para Kant, os únicos meios para o conhecimento válido seriam aqueles adquiridos por meio da experiência. Isso limita todo o conhecimento a mera apreensão dos fenômenos, a contingência. A coisa em si, a essência das coisas, não poderia ser conhecida, pois o homem não conseguiria ultrapassar o limite do entendimento. Para Kant, portanto, o conhecimento

---

<sup>174</sup> Kant de maneira decisiva promove uma reforma na filosofia, repensando e modificando suas bases. Tal reforma tem como pretensão tornar a filosofia uma ciência por meio de um método que tem como fundamento a apreensão dos dados empíricos por meio da sensibilidade e do entendimento.

<sup>175</sup> *Crítica da Razão Pura* [1781]. Trad. br. J Rodrigues de Merege. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2014, o. 21.

<sup>176</sup> Tanto em relação ao seu método como também nos seus resultados. Ver os prefácios de KANT, I. *Prolegômenos a Qualquer Metafísica Futura* [1783]. Trad. br. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo, Estação Liberdade, 2014, p. 24.

se constitui por meio da experiência mediada por categorias *a priori*, presentes no entendimento do sujeito.<sup>177</sup> Então, o conhecer seria uma síntese entre a sensibilidade e o entendimento. Com isso, a filosofia passaria a se debruçar não mais sobre o ser, mas sobre os fenômenos, que seria aquilo que verdadeiramente se poderia ter acesso, visto que o conhecimento pressupõe a estrutura da subjetividade transcendental e o limite da experiência.

### 3. Contraponto de Hegel à crítica kantiana

O século XIX ficou marcado na Alemanha pela mudança no âmbito do conhecimento provocado pela filosofia kantiana e seus seguidores. É nesse contexto que a filosofia de Hegel (1770-1831) se inscreve. Seu pensamento teria, antes de tudo, que se confrontar com a filosofia dominante, pois novas questões se colocavam e se fazia necessário questionar o estatuto do saber e, principalmente, de uma filosofia que reduzia a realidade apenas a fenômenos, colocando o conhecimento sensível como o único capaz de chegar a algum resultado.

Hegel, na sua obra de 1812, intitulada *Ciência da Lógica*, reflete sobre a situação da ciência de seu tempo que tem como paradigma a filosofia kantiana, para o pensador o empreendimento anterior, por um lado extirpou a metafísica do domínio da ciência, deixando de lado dessa maneira o pensar especulativo, como ele nos diz:

A doutrina exotérica da filosofia kantiana – de que o entendimento não poderia ultrapassar a experiência, caso contrário, a faculdade do conhecimento tornar-se-ia razão teórica, que, para si, daria à luz a nada mais que quimeras – justificou, pelo lado científico, a renúncia ao pensar especulativo.<sup>178</sup>

---

<sup>177</sup> Essas categorias seriam apenas gnosiológicas, ou seja, diz respeito ao sujeito, e não a realidade enquanto tal. O sujeito apreenderia a realidade por meio da sensibilidade e intuiria os fenômenos no entendimento. As categorias seriam o modo pelo qual o entendimento formata os fenômenos. Ver KANT, I. *Crítica da Razão Pura* [1781]. Trad. br. J. Rodrigues de Meringue. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2014, p. 17.

<sup>178</sup> HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica* [1812]. Trad. br. Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis RJ, Vozes, 2016, p. 25.

Para Hegel, a filosofia de Kant ao renunciar o especulativo e ter estabelecido como único critério a experiência, teria limitado o conhecimento a um âmbito puramente daquilo que é imediato, sendo assim, o pensar especulativo acabou por ser relegado a algo que apenas consistiria em ilusões e quimeras. Esse teria sido então o destino da metafísica, o seu total abandono. No que diz respeito à lógica, Hegel compreende que, embora esta tenha tido um destino melhor<sup>179</sup>, a filosofia de Kant não possibilitou nenhuma mudança e a lógica permaneceu a mesma, tal qual se encontrava na tradição filosófica. Daí a necessidade de se pensar uma transformação para a lógica visando a permanência de seu uso no campo do saber<sup>180</sup>.

#### 4. Uma nova lógica que abarque o pensar especulativo

Hegel, ao refletir sobre a necessidade de uma nova lógica, compreende que ela não deve ser mais um saber puramente formal, tendo em vista que é importante também recuperar metafísica, mas não uma metafísica no sentido tradicional e sim uma que consiga recuperar uma razão especulativa e desta forma conseguir ir além do entendimento no sentido da filosofia transcendental de Kant. Sobre a situação da metafísica, Hegel nos fala:

Na medida em que a ciência e o senso comum colaboraram assim entre si para levar ao declínio da metafísica, pareceu ter provocado o espetáculo singular de ver um povo culto sem metafísica – como um templo ricamente ornamentado, mas sem santíssimo.<sup>181</sup>

No contexto de Hegel a metafísica acabou sendo destituída não só do âmbito da ciência, mas também naquilo que concerne à própria cultura, onde os objetos da antiga metafísica faziam parte de uma realidade ampla<sup>182</sup>. Daí, então, Hegel colocar a

---

<sup>179</sup>Visto que a lógica ainda possuía alguma função, no que diz respeito ao saber.

<sup>180</sup> Ver aqui: HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica* [1812]. Trad. br. Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis RJ, Vozes, 2016, p. 26.

<sup>181</sup>HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica* [1812]. Trad. br. Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis RJ, Vozes, 2016, p. 26.

<sup>182</sup> Ou seja, a metafísica não é algo apenas do campo de um saber científico, mas também constituiu um ethos de determinado povo.

necessidade de se repensar a ciência<sup>183</sup>, não somente por uma exigência do próprio pensamento, mas, acima de tudo, uma exigência do próprio tempo e de determinada realidade histórica. Nesse sentido, a nova lógica, proposta por Hegel, tanto na obra anteriormente citada<sup>184</sup> como no primeiro volume da *Enciclopédia das ciências filosóficas* (1830), busca construir uma lógica que, por um lado, não seja meramente formal e, por outro, que consiga dar conta da realidade na sua totalidade e, dessa maneira, ultrapasse as chamadas filosofias do entendimento e seu procedimento transcendental<sup>185</sup>. Por isso a lógica deve ser o fundamento do sistema das ciências, mas não como algo que é meramente o produto de uma subjetividade, como o autor nos fala, no parágrafo 19, da *Enciclopédia*:

Pode-se bem dizer que a Lógica é a ciência do pensar, de suas determinações e leis. Mas o pensar como tal constitui somente a determinidade universal ou o elemento no qual está a ideia enquanto Lógica. A ideia é o pensar, não como pensar formal, mas como a totalidade, em desenvolvimento, de suas determinações e leis próprias, que a ideia dá a si mesma: (e) não que já tem e encontra em si mesma.<sup>186</sup>

A nova definição da lógica que vem apresentada nesse parágrafo teria como característica principal não uma faculdade como o entendimento, mas um caráter ontológico, visto que não se trata apenas de uma lógica que opera por meio de formalismo e que é exterior a realidade. A lógica proposta por Hegel seria o próprio fundamento do real. O real é compreendido como inteligibilidade que possui uma necessidade em si mesmo, e não como algo limitado pela cognição de um sujeito transcendental como em Kant, mas como uma totalidade em desenvolvimento que tem como essência uma racionalidade absoluta. Em outras palavras, a lógica hegeliana é, antes de tudo, ontologia.<sup>187</sup>

---

<sup>183</sup> Ciência, nesse caso, é a própria filosofia.

<sup>184</sup> Ver notas de rodapé 6 e 8.

<sup>185</sup> O termo “filosofias do entendimento” é usado pelo próprio Hegel no que se refere aos seus dois grandes expoentes, a saber, Kant e Fichte.

<sup>186</sup> HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas* [1830]. Trad. br. Paulo Menezes. São Paulo, Edições Loyola, 2005, § 19, p. 65.

<sup>187</sup> “A lógica é a forma absoluta da verdade e, ainda mais que isso, é também a pura verdade mesma, é de todo diverso que simplesmente algo de útil. Mas, como o mais excelente, o mais livre e o mais

Para o autor, a razão especulativa não é criadora de ilusões, mas é aquilo que sustenta todo o real e por isso a essência das coisas não seria algo obscuro e incognoscível. A lógica se apresenta como o fundamento que possibilita se pensar a realidade tanto na forma da natureza (ideia no seu ser outro, para si), como na forma do espírito (ideia em si) não como momentos estanques e sim um desenvolvimento progressivo em direção a um saber absoluto, esse desenvolvimento já seria a própria exposição da ideia, como Hegel afirmam no parágrafo 18 da sua *Enciclopédia*:

As diferenças das ciências filosóficas são apenas determinações da ideia mesma, e é somente a ideia que se expõe nesses elementos diversos. Na natureza, não é um outro que a ideia que é conhecida, mas a ideia está ali na forma de extrusão, assim como no espírito a mesma ideia está como para si essente, e vindo-a-ser em si e para si. Uma tal determinação em que a ideia aparece, é ao mesmo tempo um momento que flui.<sup>188</sup>

Nesse sentido, a lógica de Hegel busca retornar ao pensar especulativo, mostrando que este não é uma mera abstração da razão e sim uma maneira de filosofar que permite a ultrapassagem de uma concepção finita da realidade, como aquela que as filosofias do entendimento possibilitaram, e onde seja possível um conhecimento da totalidade, essa totalidade enquanto ideia, e por tanto é racionalidade e inteligibilidade.<sup>189</sup>

## 5. Conclusão

Com tudo que foi exposto, podemos abordar que, o diagnóstico que Hegel faz da situação da filosofia no seu tempo, o faz ter a clareza da consequência de certo modo de filosofar trouxe. As filosofias do entendimento ao negar o pensar especulativo e com

---

autônomo é também o mais útil, o lógico também pode ser compreendido assim. Sua utilidade então tem de ser encarada diversamente do que simplesmente o exercício formal do pensamento” conferir: HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das ciências filosóficas* [1830]. Trad.br. Paulo Menezes, Edições Loyola, 2005, § 19, p. 66.

<sup>188</sup>HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas* [1830]. Trad. br. Paulo Menezes. São Paulo, Edições Loyola, 2005, § 18, p. 59.

<sup>189</sup>No sentido da possibilidade de ser conhecida na sua essência.

isso fazer da relação entre entendimento e experiência sensível como a única que permitiria um conhecimento seguro da realidade.

A essência da realidade (ou coisa em si) não seria um limite para o conhecimento, pois, esse limite é colocado pela subjetividade e sendo assim pode ser superado, o sistema das ciências então, seria a superação desta filosofia transcendental. Ela cria uma nova lógica que se constitui também como ontologia porque, suas categorias fazem parte da própria realidade, recupera o pensar especulativo<sup>190</sup> pois sua lógica pensa uma totalidade, primeiro como ideia pura em si mesmo e no decorrer de seu desenvolvimento que se exterioriza na natureza, estando nesta sobre a forma de alienação (ideia para si) e retorna a si mesma como espírito onde a ideia se encontra em si e para si.<sup>191</sup>

Assim o pensar especulativo ultrapassa tanto certa metafísica pré-crítica, como a própria filosofia de Kant, ao pensar a realidade em sua totalidade, indo além da relação entre experiência sensível e entendimento. O pensar especulativo possibilita entender seu tempo na completude de sua realidade, dentro de um processo que considera cada momento importante.

## Referências:

HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* [1830]. Trad. br. Paulo Menezes. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ciência da Lógica* [1812]. Trad. br. Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis RJ, Vozes, 2016.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura* [1781]. Trad. br. J. Rodrigues de Meringe. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2014.

---

<sup>190</sup> Essa recuperação não se dá de forma reacionária, no sentido de que Hegel não retorna a um pensamento pré-crítico mais busca a superação de suas unilateralidades.

<sup>191</sup> Sobre o caráter inteligível da realidade e como a lógica é a própria exposição dessa inteligibilidade, Hegel comenta: “A pura ciência pressupõe com isso, a libertação da oposição da consciência. Ela contém o pensamento, na medida em que ele é igualmente a coisa em si mesma, ou seja, a Coisa em si mesma na medida em que ela é igualmente o pensamento puro. Como ciência, a verdade é a pura autoconsciência que se desenvolve e tem a figura de Si (Selbst), a saber, que o ente em si e para si é conceito sabido, mas o conceito enquanto tal é o ente em e para si “ Conferir: HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica* [1812]. Trad. br. Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis RJ, Vozes, 2016, p. 52.

\_\_\_\_\_. *Prolegómenos a Qualquer Metafísica Futura* [1783]. Trad. br. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo, Estação Liberdade, 2014.